



DO AFETO AOS SONS: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA AFETIVIDADE NA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

Rodrigo Alves de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – rodrigopiano@gmail.com

Valdier Ribeiro Santos Junior

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - valdier.jr@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho é um recorte do primeiro capítulo de uma dissertação de mestrado em andamento. Neste primeiro momento são trazidos a lume temas e autores que embasam a afetividade na aprendizagem e, em especial, a afetividade na musicalização infantil. São discutidos temas como as crianças e suas relações fusionais, a afetividades e aprendizagem, a educação infantil, a musicalização de crianças e por fim as relações entre afetividade e musicalização infantil. A metodologia deste trabalho convergiu-se numa revisão de literatura sobre o tema, corroborando assim com a pertinência dos relatos. Apesar de se tratar ainda de um recorte de uma dissertação em andamento, já anuímos nesta proposta conclusões pertinentes sobre as relações de afetividade na Educação Musical.

Palavras-chave: Educação, afetividade, aprendizagem, educação musical.

As crianças e as relações fusionais.

Muitos pais e educadores se questionam acerca do comportamento das crianças na escola. Muitas não querem ficar no ambiente escolar nos primeiros dias, mas logo depois já estão querendo ficar além do horário. Isso pode ser considerado como algo particular do universo das crianças. Dentre as particularidades das crianças, devemos refletir acerca delas serem seres fusionais. Ou seja, elas agem de forma fusional desde o nascer, quando estão fundidas à mãe e aos familiares mais próximos. Isso significa que elas precisam estarem fundidas com outras pessoas. Essa fusão Segundo Gutman (2015), este modo intrínseco de se relacionar fusionalmente é comum a todas as crianças e transcorre lentamente. Esse ato de “ser” um só com os outros, em primeiro lugar com os familiares e depois com os que compõem o universo escolar faz parte do comportamento infantil.



Almeida (2012), diz que, entre os três e seis anos de idade, o apego às pessoas é uma necessidade imperiosa da criança. Gutman (2015) afirma ainda que à medida que as crianças vão crescendo e interagindo com outras pessoas, espaços e objetos, essa fusão emocional vai acontecendo.

Gutman adverte que este estado fusional das crianças vai diminuindo com o passar dos anos. Ela descreve que isso acontece à medida que seu “eu sou” vai amadurecendo em seu interior psíquico e emocional. Essa separação emocional ocorre de forma lenta e gradativa, começando por volta dos 2 anos e culminando na adolescência. Ao ingressar no espaço escolar, essa fusão que é também um vínculo afetivo acontece. Daí a importância de se discutir a presença da afetividade nesse momento de construção do saber desses educandos, ou seja, na educação infantil.

A Educação Infantil.

A educação infantil compreende um universo grandioso, formado por todos aqueles que trabalham nessa modalidade de ensino: Professores, alunos assistidos, família, ou seja, toda a comunidade escolar compõe esse universo. O tema, longe de se esgotar, é rica fonte para novas pesquisas. Segundo Amorim e Navarro (2012), a educação infantil é uma das mais complexas fases do desenvolvimento humano no que tange aos aspectos de desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor da criança.

Segundo Kramer (1999), A Constituinte de 1988, as Constituições Estaduais, as Leis Orgânicas dos Municípios, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional asseguram hoje o direito de todas as crianças a creches e pré-escola. O art. 29 da lei 9.394\96 assegura que a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). De acordo com o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) “a instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social”. (BRASIL, 1998, p. 23).

Amorim e Navarro (2012), afirmam que a educação infantil é uma das fases mais complexas do desenvolvimento humano, isso segundo as autoras, no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor da criança. É na creche ou pré-escola que a criança vai tendo os primeiros contatos com a aprendizagem e isso vai acontecendo de forma lúdica e interativa.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O RCNEI (1998), descreve que as capacidades de ordem afetiva estão associadas à construção da autoestima, às atitudes no convívio social, à compreensão de si mesmo e dos outros. Os infantes estão sempre mudando e aprendendo com suas pequenas experiências escolares, se expressando de formas muitas vezes diferentes uns dos outros. Diante disso, defendemos que na etapa da educação infantil, podemos obter resultados positivos quando alicerçamos o fazer pedagógico através da afetividade, tema que altercaremos a seguir.

A afetividade.

A temática da afetividade é, segundo Silva (2011), de modo geral, de ampla discussão, tanto por alguns teóricos, como também por parte dos educadores. Podemos encontrar textos que relacionam a afetividade a outros temas, como educação, inteligência e aprendizagem. Para Morin (2015), o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão. Segundo ele, estas são, por sua vez, mola da pesquisa filosófica ou científica. Turatti (2011) afirma que o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento social tornam-se inseparáveis. Defende que,

A afetividade acompanha o ser humano desde o momento da concepção até a morte, passando por todas as fases de desenvolvimento. Na educação, ela permite que todo o processo ensino-aprendizagem aconteça com mais intensidade, o que a relaciona ao favorecimento e a maiores facilidades nos processos de formação cognitiva e intelectual (TURATTI, 2011, p. 2).

Almeida (1999), afirma que a afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. A autora descreve que ambas evoluem ao longo do desenvolvimento, são construídas e se modificam de um período a outro. Ela coloca que à medida em que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas. Naranjo (2015), destaca que nossa educação é essencialmente patriarcal e que está muitas vezes a serviço de um implícito autoritarismo. Segundo ele, isso implica em uma tirania do racional sobre o afetivo e o instintivo. O autor defende que necessitamos de uma educação afetiva e interpessoal, frisando que esse tipo de educação seria a base da boa convivência e da participação na comunidade. Jung (2011), aborda que, a afetividade é uma dimensão indissociável do desenvolvimento biológico e cognitivo que compõe a vida e as relações das pessoas desde a infância até a velhice. Ela enfatiza ainda que a afetividade faz parte do indivíduo desde o seu nascimento e o acompanha durante toda a vida, desempenhando um papel de grande importância para todas as relações humanas. Mello e Rubio



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(2013), afirmam que a afetividade está relacionada aos mais diversos termos. Os autores complementam ainda que,

A afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana (MELLO; RUBIO, p. 2).

A afetividade, para Campos (2000), é de grande importância nas relações, tanto na relação da pessoa consigo mesma quanto na relação entre professor e aluno. Afetividade pode ser considerada, de acordo com a autora, como sinônimo de entrega no ato de repartir com alguém uma experiência e sendo, portanto, um estado de sentir, sem receios e sem defesas internas. Campos afirma que aprendizagem e crescimento são, em parte, decorrência da capacidade das pessoas de sentirem afeto, no contato consigo mesmo, com o próximo e com o material a ser aprendido.

Com base nas afirmações desses autores, devemos afirmar que o educador infantil deve buscar uma forma de ensinar na qual as crianças aprendam e obtenham os conhecimentos necessários à sua formação. Contudo, também é papel do educador, essencialmente, buscar mediar a conquista desse conhecimento construindo pontes de afeto nas suas aulas, fazendo com que a inteligência das crianças aflore de maneira prazerosa e suave. Ele deve se desnudar de toda técnica de ensino que traga apenas uma educação bancária, na qual apenas seriam depositadas informações na cabeça das crianças, sem se preocupar em demonstrar afeto e paciência para com elas. No caso específico do trabalho pretendido, a musicalização infantil, esse profissional, além das prerrogativas inerentes ao educador, tem como mediador do seu trabalho o elemento música.

A Musicalização Infantil.

A musicalização infantil foi e é estudada por muitos teóricos, professores e pesquisadores que escreveram e escrevem sobre educação musical. São muitos os estudiosos que escreveram pedagogias musicais com a finalidade de dar suporte ao ensino de música. Alguns desses desenvolveram metodologias com objetivos de fazer com que o ensino da música não fosse puramente técnico, mas sim também didático e, conseqüentemente, mais dinâmico.

A música inserida na educação infantil assume grande importância na fase inicial das crianças oportunizadas em creches e pré-escolas. Não apenas a música usada com fins recreativos, mas sim, um ensino de música que seja visto como uma oportunidade de formação para uma aprendizagem significativa, sendo o papel do professor mobilizar, na condução das aulas, o lúdico e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

a criatividade, fomentando o desenvolvimento integral da criança alicerçado pelo prazer nos estudos. Segundo Santos Junior (2015, p. 06), nessa fase,

[...] não é de bom tom que a música seja vista unicamente como algo específico para as apresentações ou como momento apenas de alegria, gerando dinâmicas recreativas. É importante que, além disso, gere outras significações mais específicas as quais a respalde e valide dentro da instituição. Entende-se que, já na primeira etapa da educação, a música deve ser compreendida como conteúdo socialmente construído e que tem funções diversas dentro do ambiente escolar, objetivando a formação integral da criança, contemplando seus aspectos motores e cognitivos.

A musicalização pode ser de grande valia nas relações entre o aluno, seus professores e colegas de turma pois, segundo Ferreira (2012), a música é, além da arte de combinar sons, é uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro. Para Oliveira (2013), a música é um meio de expressão e forma de conhecimento, destacando que a sua influência pode colaborar no desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e do autoconhecimento. Koellreuter, citado por Brito (2015), entende a educação musical como território para o exercício de valores essenciais à transformação do ser humano e das sociedades.

Entre os objetivos da musicalização nas creches e pré-escolas se destacam a utilização da Música como elemento de integração, socialização e exploração da criatividade dos educandos, como enfatizado por Batista (2012, p. 13) quando diz que,

Assim como a música tem estado presente na vida dos seres humanos, ela também tem estado presente na escola, buscando dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e apreciação.

A música na educação infantil, afirma Bianchi (2013), é utilizada com vários propósitos, sejam eles para a formação de hábitos, atitudes e comportamentos ou para a memorização de conteúdos relacionados a letras, números, cores, entre outros através de canções. A autora destaca ainda que a linguagem musical favorece o desenvolvimento da expressão, da autoestima, do equilíbrio e do meio de integração cultural e social.

Assim, com base nos autores mencionados, é possível afirmar que as características defendidas podem trazer benefícios para os alunos atendidos na musicalização infantil. E entendendo-o como benéfico podemos então nos debruçar e refletir sobre a afetividade na musicalização infantil, buscando fazer uma ponte entre estas vertentes no ensino de música direcionados aos infantes.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Afetividade na musicalização infantil

O tema da afetividade na educação infantil tem sido abordado também no campo da Educação Musical. Diversos autores o trazem em suas discussões particularidades acerca do ensino de música. Muitos relacionam esse mesmo ensino com outras áreas, chamando atenção que a musicalização pode influenciar e contribuir de forma não apenas musical, mas sim contribuir na formação do ser humano em sua totalidade. Entre esses autores, muitos concordam que o ensino de música caminha juntamente com muitos aspectos do desenvolvimento humano, e entre eles o afetivo. Para Caetano e Gomes (2012), a música é uma forma de expressão, é manifestação de sentimento, um meio de comunicação existente na vida dos seres humanos. Devido a sua importância, deve ela estar presente no contexto educacional. Os autores defendem que o ensino pautado na música assim como qualquer outro recurso pedagógico, tem consequências importantes no desenvolvimento motor e afetivo.

O trabalho de musicalização na infância, concordando com Cardoso (2012), ocorre concomitantemente ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio afetivo da criança e não apenas como uma experiência mecânica ou estética. Ou seja, para a autora, a criança se relaciona natural e intuitivamente com a música, uma vez que a mesma também representa uma forma de comunicação e uma das principais formas de interação e relacionamento humano. Então, se a música age de forma eficaz no aprendizado e na comunicação entre todos os participantes dos momentos escolares, ela também interage nas relações afetivas ali existentes. Ao se pensar a aprendizagem musical com base nas relações de afeto, Campos (2000) chama a atenção para o interesse do aluno. Ela afirma que a porta aberta para a afetividade na música está na musicalização voltada para o interesse. Para ela, seria como se a chave para o prazer de fazer música fosse a realização e satisfação de sentir “eu posso” realizar o que “eu gosto”.

Educar através da musicalização pode trazer muitos benefícios para os educandos assistidos, pois a música, segundo Santa Rosa (2006, p. 25), “traduz sensações, sentimentos e pensamentos em forma sonora e promove a integração entre os aspectos afetivos, estéticos e cognitivos assim como a comunicação e a interação social”. A música, segundo Machado (2010, p.18), “contagia, diverte, emociona, envolve, externaliza sentimentos e caracteriza culturas diferentes”.

As aulas de música para o público em questão devem ser realizadas tendo como base não uma aprendizagem tecnicamente musical, mas sim, uma aprendizagem na qual os alunos possam aprender música em um ambiente saudável e que favoreça a comunicação, o respeito e o afeto entre os indivíduos contemplados por ela. E essas aulas podem trazer, além de conteúdo,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

comportamentos, atitudes e convivências que tragam benefícios aos alunos tanto no que diz respeito à sua aprendizagem como às suas relações com os que o rodeiam. Em uma sala onde existam crianças com timidez e dificuldades de interação, por exemplo, as aulas de música podem criar e/ou fortalecer laços afetivos que conduzirão para aulas mais dinâmicas e prazerosas.

Outros autores continuam a embasar a temática proposta ajudando a estreitar as relações entre música e afeto. Jeandot (1997), defende que a música constitui uma possibilidade expressiva privilegiada para a criança, uma vez que atinge diretamente sua sensibilidade afetiva e sensorial. Segundo Marreira (2011), a música não significa apenas diversão. Para ele a música é cada vez mais compreendida como área de conhecimento, que desempenha papel fundamental na educação. Segundo Fonterrada (2008), a educação infantil, a musicalização, a afetividade, e as atividades lúdicas se integram. Para a autora essas vertentes têm como objetivo o desenvolvimento sócio-afetivo e cognitivo da criança. Para Santana e Pinho (2015, p. 2),

A musicalização ajuda a criança nos seguintes aspectos: a se perceber como um ser social, que expressa seus desejos e sentimentos; desenvolver a capacidade de comunicação; utilizar o corpo para se expressar, se autoconhecer, de relacionar-se com as pessoas; localizar-se no espaço; além de produzir sons com a utilização de instrumentos musicais, favorecendo, assim, um desenvolvimento mais integrado.

Oliveira, *et al* (2013), afirmam que, na educação infantil a escola e o professor devem trabalhar juntos para propiciar espaços e situações de aprendizagens. E essas aprendizagens devem envolver todas as capacidades humanas como, afetivas, cognitivas, emocionais e sociais. Oliveira (2013, p. 5) destaca que,

A Música, além de possibilitar comunicar sentimentos que não são possíveis de expressar apenas com a fala, pode auxiliar no desenvolvimento humano, aprimorando a sensibilidades, a concentração e a memória. A música, além de conteúdo específico, pode contribuir no processo de alfabetização e raciocínio lógico.

Para enfatizar a importância da afetividade nas relações e espaços de aprendizagem Porto (2011), afirma que a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. Musicalizar com afeto, com acolhimento, pode proporcionar aulas mais produtivas e criativas, pois o fazer musical para Campos (2000) é também um despertar da imaginação criativa, uma procura onde o aluno possa descobrir que as aulas de música são momentos de novas possibilidades. É, segundo a autora, “um sensibilizar, um



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

descobrir contínuo”. Bianchi (2013) defende que somos seres afetivos, feitos de afeto e que precisamos de carinho, necessitamos do outro para partilharmos e convivermos, não somos feitos para ficar só. Ela enfatiza que a música faz parte desse afeto, “com ela podemos alegrar, acalmar e até entristecer, contemplando de certa maneira os sentimentos e as emoções” (2013, p.7). Confiando nessa premissa, podemos entender que as aulas música seriam então um grande momento de aprendizagem, de criatividade, de brincadeira, de socialização e de afeto.

Partindo de Ferreira (2012), que afirma que a música harmoniza a vida das pessoas, a musicalização pode trazer benefícios para os educandos em suas relações e interações com o ambiente escolar, bem como em suas relações familiares. Diante de tantos pensamentos, reflexões e escritos aqui pesquisados pode-se esperar que a musicalização de crianças pode ser sim estudada nas relações de afeto que existem entre professor e aluno.

Mesmo tendo os autores citados colocado a afetividade e a musicalização infantil em um mesmo caminho benéfico para uma aprendizagem completa do ser humano, o tema, apesar de importante, não faz parte da formação do educador musical, em especial daquele que vai trabalhar com crianças. Nos debates acadêmicos das disciplinas, seminários, artigos e congressos pouco se escreve e discute sobre afeto nas aulas de música com crianças. Essa lacuna faz com que a pesquisa em realização tenha grande relevância para área da Educação Musical. A mesma, que culminará em uma dissertação de mestrado em educação musical do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte é uma observação não participante que está sendo realizada em dois CREIS¹ da cidade de João Pessoa-PB. Através da observação da atuação de dois professores de musicalização infantil, pretendemos conhecer como se dão as relações de afetividade na aprendizagem advindas das aulas de música.

Considerações Finais.

O presente trabalho aponta para a reflexão sobre como é complexa a atuação do educador musical que atua na educação infantil. Diante disso, a performance desse profissional não deve ser alicerçada apenas em conhecimentos puramente técnicos, mas, para além disso, deve incorporar competências as quais tragam a paciência, a dedicação e o afeto como características norteadoras capazes de colaborar com o processo de ensino/aprendizagem.

O ensino da música objetivado para o público infantil deve enaltecer ações para além da transmissão apenas das notas musicais. Neste prisma, o diálogo entre o professor e seus alunos merece uma atenção bem mais reflexiva por parte dos profissionais que atuam neste cenário.

¹ Centros de Referência em Educação Infantil.



Portanto, diante do exposto, concluímos que os professores de música devem planejar as aulas de musicalização elegendo a música como uma ferramenta capaz de colaborar de forma positiva com as relações entre professores e alunos, gerando, com isso, aulas práticas, dinâmicas e mais prazerosas.

Referências

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. O que é afetividade? Reflexões para um conceito. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br> Acesso em: 04 de abril de 2016.

AMORIM, Márcia Camila Souza de. NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na educação infantil. Interdisciplinar. *In Revista eletrônica da UNIVAR*, No.7, p.1-7, 2012.

BATISTA, Mayra Elisa Araújo de Sousa. Educação musical no primeiro estágio da educação infantil: um relato de experiência do ensino de música na escola regular. Monografia (graduação) – **Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, Natal, 2012.

BIANCHI, Rebeca Starosky. A importância da musicalização no desenvolvimento infantil de crianças de zero a três anos. Artigo elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso- Faculdade Inedi, 2013. Disponível em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/472>. Acesso em 02 de maio de 2016.

BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRITO, Teca Alencar de. **Hans-Joachim Koellreutter: ideias de mundo, de música, de educação**. São Paulo: Peirópolis, 2015.

CAETANO, Mônica Cristina, GOMES, Roberto Kern. A importância da música na formação do ser humano em período escolar. **Educação em Revista**, Marília, v. 13, n. 2, p. 71-80, Jul.-Dez., 2012.

CAMPOS, Moema Craveiro. **A educação musical e o novo paradigma**. Rio de Janeiro: Ed. Enelivros, 2000.

CARDOSO, Rúbia Paulita Chagas. **Musicalização na educação infantil**. Artigo apresentado como pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Artes da UFPR – Setor Litoral. Julho de 2012.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 8ª ed., São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

FONTEERRADA, M. T. O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2, ed. São Paulo: Unesp, 2008.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GUTMAN, Laura. **A maternidade e o encontro com a própria sombra**. Luís Carlos Cabral (trad.). 8ª Ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2015.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1997.

JUNG, Kátia. Afetividade na educação infantil. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/afetividade-na-educacao-infantil.html>. Acesso em 03 de Abril de 2016.

KRAMER, Sônia. O papel social da educação infantil. Revista Textos do Brasil, Brasília, Ministério das Relações exteriores, 1999. Disponível em: <http://www.dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista7-mat8.pdf>. Acesso em 09 de Maio de 2016.

OLIVEIRA, Maria Eliza de. FERNANDES, Sueli Felício. FARIA, Luciana Carolina Fernandes de. A musicalização, o lúdico e a afetividade na educação infantil. *In Anais do Encontro de pesquisa, ensino e extensão*, Presidente Prudente, 2013.

MACHADO, José Ricardo Martins; VINÍCIUS, Marcos & MIRANDA, Rogério. **Jogos cantados**. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 2010.

MARREIRA, Abraão. **Do som à legislação** – Da matéria-prima da música até a Lei 11.769\08 da LDBEN 9.394\96. Camaragibe-PE: IGP ed., 2011.

MELLO, Tágides. Rúbio, Juliana de Alcântara Silveira. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. *In Revista Eletrônica Saberes da Educação* – Volume 4 – nº 1 – 2013.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya (tradutoras). 2ª Ed., Brasília: Cortez Ed., 2011.

NARANJO, Cláudio. **Mudar a Educação Para Mudar o Mundo**. Brasília: Ed. Verbena, 2015.

PORTO, Olívia. **Bases da Psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem**. 5ª Ed. RJ: Wak Ed, 2011.

SANTA ROSA, Amélia Martins Dias. **A construção do musical como prática artística interdisciplinar na educação musical**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2006.

SANTOS JUNIOR, Valdier Ribeiro. Delineações da Educação Básica: Educadores musicais conscientes de seu papel pedagógico. In: II CONEDU, 2015, Campina Grande, v. 2.

SANTANA, Adriana Silva de. PINHO, Marialda. Aprendendo e arteando através da musicalização na educação infantil. Um estudo de caso. *In Cairu em Revista*, Salvador, Ano 04, nº 05, p. 91, Jan/Fev 2015.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SILVA, Elisandra Araújo. **A afetividade na educação infantil. Manuscrito: percepção e atuação de docentes.** Trabalho de conclusão de curso (graduação em pedagogia) Universidade Estadual da Paraíba, 2011.

TURATTI, Maria Sueli. PESSOLATO, Alícia Greyce Turatti. SILVA, Marília Marinho. A importância da afetividade na educação da criança. *In Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v. 9, n. 2, p. 129-142, ago./dez. 2011.